

O ESPETÁCULO NA SOCIEDADE E O CONFLITO ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

THE SPECTACLE IN SOCIETY AND THE CONFLICT BETWEEN THE PUBLIC AND PRIVATE

Gabriel Ribeiro Silva Cesca¹
Leivan Felipe da Silva Carvalho²

Resumo: O século XXI é o século da informação, dos avanços tecnológicos e das liberdades. À vista disso, figuram os direitos fundamentais, seus desdobramentos e seus conflitos em uma sociedade midiaticizada. Por isso, busca-se a partir dessas premissas analisar as relações que envolvem o fenômeno da superexposição virtual e a influência e intervenção do Estado na construção do imaginário popular, a partir de seu monopólio burocrático nos novos meios de comunicação na sociedade contemporânea, bem como a influência e o papel da cultura nesse cenário. Para tanto, analisar-se-á o livro “A Civilização do espetáculo”, de Mario Vargas Llosa, o qual critica a supervalorização do entretenimento e a decadência da alta cultura, gerando uma falta de reflexão nas produções artísticas e o conseqüente surgimento de pessoas mais suscetíveis à alienação. Além desta obra, será discutido o livro “A Sociedade do Espetáculo”, de Guy Debord, que expõe como uma classe dominante faz uso do espetáculo social para impor um conjunto de ideias e valores que variam conforme o interesse de tal grupo em um determinado contexto histórico. Esse amálgama é imposto, atualmente, pelas mídias de massas que interpretam a realidade conforme seus interesses e disseminam narrativas, às quais, não raras, distorcem memórias coletivas.

Palavras-chave: Direito e literatura; mídias sociais; memória; espetáculo; cultura.

Abstract: The 21st century is the century of information, of technological advancements. Knowing that, the fundamental rights, their consequences and their conflicts are present in a society where the media dominate. Therefore, in this work we seek to analyze the relation that involves the phenomenon of virtual exposure, and the influence and intervention of the State in the construction of the “popular imagination”, based on the monopoly that he holds of the media, as well as the influence and role of culture in this scenery. For such a task, the book “A Civilização do Espetáculo”, by Mario Vargas Llosa, where he criticizes a overvalue that is given to entertainment and the decadence of the “high culture”, wich generates a lack of thought on the current artistic productions and the consequent emergence of individuals that are more prone to being alienated, and The book “A Sociedade do Espetáculo”, by Guy Debord, in this book, the author exposes how the ruling class makes use of the “spectacle” to impose values and ideas, that vary according to the interest of such class in a given historical period, will be analyzed. This mixture is being imposed, nowadays, by the media, wich interprets reality and according to their will, disseminating narratives that often results in fake memories.

Keywords: Law and literature; social media; memory; spectacle; culture.

¹ Graduando do curso de Direito na Faculdade de Direito de Vitória (FDV), Espírito Santo, Brasil. E-mail: gabrielrscasca@gmail.com. CV lattes: <http://lattes.cnpq.br/0369541321991559>

² Graduando do curso de Direito na Faculdade de Direito de Vitória (FDV), Espírito Santo, Brasil, membro do grupo de pesquisa em Políticas Públicas, Direito à Saúde e Bioética - BIOGEPE/FDV e pesquisador-bolsista na Fundação de amparo à Pesquisa do Estado do Espírito Santo (FAPES). E-mail: leivanfelipesilva@outlook.com. CV lattes: <http://lattes.cnpq.br/6748597407084702>

1 INTRODUÇÃO: A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO EM GUY DEBORD

É a ditadura efetiva da ilusão na sociedade moderna (Debord, 2003, p160).

Guy Debord (1931-1994) foi um escritor, filósofo e cineasta francês marxista, membro e fundador da Internacional Situacionista –tinha por axiomas o dadaísmo e o surrealismo, bem como ele objetivava aproximar a arte e a cultura do cotidiano dos cidadãos, lutar contra o capitalismo, este tido por sufocador e divisor das relações sociais. Debord (2003) também pertenceu à Internacional Letrista –dialogava com a poesia e a música, com a finalidade de transformação urbana e cultural, posteriormente esse movimento intelectual se acoplará com o chamado Movimento por uma Bauhaus Imaginista, para formar a Internacional Situacionista. Debord (2003) cometeu suicídio em Bellevue-la-Montagne, França, no dia 30 de novembro de 1994.

Em 1967 Debord (2003) publicou a Sociedade do Espetáculo. O autor afirma que o espetáculo é uma relação social baseada em imagens na sociedade capitalista, em que o falso é legitimado como natural e real. Debord (2003) tece críticas às relações de trabalho, bem como expõe a *objetificação* do ser humano.

Debord (2003) denominava como espetáculo aquilo que Marx (2004) nomeava alienação, essa é oriunda do fetichismo da mercadoria, sendo relevante na vida dos indivíduos quando o capitalismo atinge um estágio avançado de produção. A importância desse fenômeno na vida pessoal ganha proporções inimagináveis, podendo substituir qualquer outro interesse pessoal, cultural ou intelectual.

O homem se mostra, então, refém do consumo sistemático de itens, muitas vezes são quaisquer objetos que são promovidos por meio de propagandas e pela moda, por exemplo, ou seja, pelo espetáculo. O cidadão, portanto, torna-se *coisificado*, vítima do processo de reificação, isto é, o indivíduo se transforma em uma máquina de consumo, amansado, sua consciência da realidade, de sua classe e daqueles que estão ao seu redor se esvai, tornando-se apenas um animal adestrado que não oferece perigo algum à classe dominante.

Para Debord (2003), a alienação dominou a esfera social, substituindo a realidade humana por uma fabricada pela imagem - deve se ressaltar, que o espetáculo não se trata apenas da imagem, mas, sim de uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Debord, 2003, p.14). É sabido que a imagem influencia na vida do homem, isto é, nas suas mais variadas ações cotidianas.

A ideia que Debord (2003) busca transmitir é a de que em tempos hodiernos a classe operaria foi amansada e a alienação acabou tomando as rédeas da vida social e passou a fragmenta-la em representações do que é genuíno, para então mercantilizá-las. Na atual sociedade as mercadorias passaram a ditar as regras e os seres humanos se tornaram seus escravos, trabalhando cada vez mais a cada dia que passa para então manter o status quo e enriquecer os donos dos meios de produção.

Para Debord (2003) o modelo capitalista possui a capacidade de transformar o que estiver em seu alcance em mercadoria. Já o espetáculo, exemplificação por excelência desse sistema, minimiza a sociedade e as relações interpessoais, transformando-os em estilhaços que podem ser vendidos, fazendo com que o indivíduo passe a focar estritamente nas aparências. A realidade é transformada na falsificação do real cotidiano, em que aberrações ou simplificações levianas do cotidiano são consideradas motivo de euforia e regozijo sociais.

Debord (2003, pg.7) apresenta uma crítica de viés marxista à espetacularização, visto que esta induz os indivíduos a um processo de alienação, a uma negação da vida que se tornou visível, à perda da qualidade ligada à forma-mercadoria e à proletarização do mundo. Sendo assim, há uma conseqüente desconstrução do protagonismo do ser humano na manutenção do ambiente social, em virtude da mercantilização da vida e da crescente modernização das relações interpessoais cotidianas. Tal fenômeno tem por raízes a economia, e é desta estrutura que advém os frutos que tendem finalmente a dominar o mercado espetacular (Debord, 2003, pg.8).

À vista das questões expostas, têm-se que os avanços tecnológicos e a própria dominação ditatorial do espetáculo sobre a sociedade seja por meio do fetichismo da mercadoria e seus desdobramentos, seja a partir do esfacelamento da consciência do indivíduo como ser racional. Tal situação degradante condiciona os indivíduos, desconexos da realidade, dóceis e conformados com a mesmice, a viverem facilmente sob as rédeas do mercado, de modo que eles se tornam apenas mais um artefato da história, e não autores desta. Portanto, percebe-se uma (des)construção da identidade humana a partir da automatização e *objetificação* do homem.

1.1 a civilização do espetáculo em Mário Vargas Llosa

Llosa (2012) nasceu no Peru, em 1936. Este autor é escritor, ensaísta e crítico literário. Llosa (2012) é liberal e seu ideário passou por drásticas transformações ao decorrer da sua vida. Durante os anos 60, esse intelectual apoiou, com veemência, a revolução cubana de 1959, escrevendo cartas de solidariedade ao novo governo e participando de eventos e organizações relacionados a essa temática. No entanto, após uma breve visita, com duração de uma semana, à Rússia soviética, Llosa (2012) analisou que, caso fosse Russo, com certeza estaria preso ou exilado na Sibéria.

Após tal evento, Llosa (2012) se afastou do ideário comunista e, conseqüentemente, do governo cubano. Esse autor escreveu um artigo criticando a invasão realizada pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) à Checoslováquia e o apoio dado por Fidel Castro a esse acontecimento. Llosa (2012) aparentou ter causado inúmeras preocupações aos políticos cubanos, ao ponto de Fidel Castro declarar, em um discurso, que Llosa (2012) não poderia mais voltar para Cuba.

Em consequência disso, ele se converte em um defensor do liberalismo, participando, inclusive, da política de seu país, pois disputa o cargo de presidente em 1990, pela coalizão Frente democrata, e perde para Alberto Fujimori. Após esse evento eleitoral, Llosa (2012) deixa seu país de origem e recomeça suas atividades literárias, publicando então, após um tempo, o ensaio *A Civilização do Espetáculo*, publicado no Brasil em 2013.

O ensaio *A Civilização do Espetáculo* trata a respeito da decadência da cultura, que teve seu pontapé inicial com as contribuições dos antropólogos na esfera cultural. Tais contribuições culminaram na atual civilização do espetáculo - uma sociedade surgida da supervalorização da propensão da natureza humana de se divertir. Essa possui, também, sua contribuição na derrocada cultural que hoje se vive, e no aceleração da morte do pensamento crítico, de maneira que a ascensão de um governo totalitário se tornar possível em tempos hodiernos.

Essa patologia, assim como um câncer que tende a se alastrar para outras partes do corpo, implicou no embrutecimento da literatura e das artes, de maneira que o indivíduo, aculturado pela civilização do espetáculo, possui dificuldades de discernir aquilo que é belo daquilo que é feio, ou ainda, a boa arte da péssima arte. Ademais, a degeneração das relações sexuais humanas, o sumiço da figura do intelectual e da figura dos críticos literários, são

exemplos que estão interligados à indústria cinematográfica – que distorce o que de fato é cultura.

Tal erro foi desenvolvido pelos antropólogos, ao analisarem as culturas primitivas. Esses estudiosos decidiram que cultura deveria deixar de ser aquilo que “faz a vida valer a pena ser vivida”, para se tornar um produto gerado pela soma de crenças, de conhecimentos, de linguagens, de costumes entre outras tendências. Em outros termos, dever-se-ia “seguir” tudo aquilo que um povo diz, faz, teme ou adora.

Graças à confusão criada em torno do termo “cultura”, vive-se em uma sociedade na qual tudo passa a ser visto como “cultura”, sem que haja qualquer nível de criticidade, mas tão somente um processo de massificação.

2 Cultura

O que de fato é cultura? Ao longo da história o termo *cultura* sofreu alterações drásticas, possuindo diversos significados. Durante a antiguidade, tal termo era ligado à filosofia e, após o passar de um determinado período de tempo, ao Direito. Durante o iluminismo a cultura foi alimentada pelas artes e pela literatura. Na Idade média esteve associada diretamente à religião. Apesar dessas diferenças, é possível afirmar que *cultura* até sempre possuiu o mesmo significado. Para uma melhor compreensão Llosa (2012,p.35) explica,

[...] cultura sempre significou uma soma de fatores e disciplinas que, segundo amplo consenso social, a constituíam e eram por ela implicados: reivindicação de um patrimônio de ideias, valores e obras de arte, de conhecimentos históricos, religiosos, filosóficos e científicos em constante evolução, fomento da exploração de novas formas artísticas e literárias e da investigação em todos os campos do saber. (Llosa, 2012, p.35)

Neste sentido, a cultura sempre possuiu uma característica de segregar os indivíduos entre aqueles que dela usufruem, cultivam e a enriquecem e os que a ignoram e a desprezam ou, por motivos externos ao âmbito pessoal, de seu meio era excluída. As pessoas eram, então, classificadas entre cultas e incultas, pelo fato de vigorar, para todos, os mesmos valores, maneiras de se comportar, critérios culturais e formas de pensar. Logo, essa classificação era bastante clara e consistente.

A cultura era um objeto em comum, algo que mantinha viva a comunicação entre o passado e o presente e entre diferentes povos, que, por motivos específicos, foram afastados

uns dos outros. A cultura funcionava como um mapa na grande jornada ao conhecimento, ajudando o homem a ter ciência das prioridades a serem tomadas. Deve se ressaltar que não se pode confundir cultura com conhecimento, visto que a cultura é anterior e sustenta o conhecimento, ela confere a ele uma funcionalidade moral.

Entretanto, devido ao erro cometido pelos antropólogos, em que esses nivelaram horizontalmente todas as culturas existentes por meio da alteração da definição de cultura – de forma que não se é possível diferenciar a cultura do barbarismo. O estabelecimento do novo conceito levou a uma ampliação do que realmente é cultura, chegando a um ponto que o termo se tornou elástico. Além disso, outro erro foi cometido causado não pelas inspirações de antropólogos, mas sim por sociólogos, consistindo em incorporar a incultura à cultura. Llosa (2012, p.36) explica esse fato,

[...] os sociólogos empenhados em fazer crítica literária —, levaram a cabo uma revolução semântica parecida, incorporando à ideia de cultura, como parte integral dela, a incultura, disfarçada com o nome de cultura popular, forma de cultura menos refinada, artificial e pretensiosa que a outra, porém mais livre, genuína, crítica, representativa e audaz. (Llosa, 2012, p.36)

Nesta perspectiva, passou a se atribuir dignidade para a incultura, de forma que a fronteira entre a cultura e a incultura cessou sua existência.. Graças a isso, hoje a cultura abarca qualquer manifestação do espírito humano, desde uma manifestação musical com letras que depredam a dignidade da pessoa humana até um concerto. Afinal, o que caracteriza a cultura ocidental cristã que herdamos? Santos (2010, p.7) aponta seis princípios da cosmovisão que integram essa cultura,

O universo é criatura, inclusive o homem; os povos irmanam-se pela mesma fé, e todos são iguais perante Deus; a divindade é providencial; ou seja, providencia (tem uma *videntia pro*, vê, dispõe com antecedência o que pode acontecer, o possível histórico); o homem é um ser inteligente e livre, que pecou livremente; contudo, pode salvar-se graças a um mediador (Cristo), e pela livre escolha da salvação, ou por uma graça divina(gratuita ou não); a paz reinará quando a boa vontade dominar entre os homens, a vontade sadia, liberta dos vícios , que a condenam ao erro.” (Santos, 2010, p.7)

Tais princípios são parte essencial da cultura ocidental, porém, isso não significa que nela não existam resquícios do mundo islâmico, greco-romano e do hebraico, todas estão presentes, mas, são subordinados a essa visão cristã, alguns com intensidades maiores e outros não. A cultura ocidental chegará, de fato, ao seu fim quando esses seis princípios forem exterminados. Hoje vivemos mais uma invasão bárbara, mas dessa vez ela é vertical – os bárbaros já estão no meio de nós - e vêm conjuntos ao espetáculo. Bárbaros extramuros? O correto é bárbaros intramuros!

Existem disposições prévias corruptivas, que se mostram presentes em todo ciclo cultural e que sempre estão atuando, sejam elas em intensidade alta ou menor, e eventualmente podem levar a cultura à morte, sendo impossível eternizá-la. Isso é verdade, mas não é um processo inevitável, muito pelo contrário, a cultura consegue ser conservada. Nessa lógica, Santos (2010, p.15) ensina,

[...] se os ciclos culturais são contingentes, não se pode estabelecer um rumo necessário de modo absoluto, mas apenas hipotético. O que pode perecer, apenas pode perecer, e seu perecimento não é de necessidade absoluta que se dê mais cedo, porque há possibilidades de perdurar se o equilíbrio entre as disposições prévias corruptivas e as disposições prévias geradoras for encontrado. E isso é também um possível, como é um possível que a vida humana se prolongue indefinidamente. O homem poderá, então, perecer, mas poderá, também, perdurar. A perduração do contingente não encontra uma razão definitiva em contrário, mas apenas contingente também. Ademais, toda vida aspira à perpetuação. E esse desejo em nós não é, portanto, algo que se oponha a vida. (Santos, 2010, p.4)

A conclusão que se alcança é de que se conhecermos os elementos corruptores e a partir disso criarmos um equilíbrio com os elementos capazes de conservar a cultura, podemos, então, prolongar a existência dela por um tempo não limitado. No fim das contas, caso mantenhemos as forças degenerativas equilibradas com as forças criadoras, o objeto – cultura – poderá perdurar por um maior tempo.

E porque devemos conservar essa tal “cultura ocidental”? É uma resposta muito simples: por que matar algo que carrega consigo os ideais mais expressivos da humanidade? Como o império da justiça, a elevação da mulher e da criança, a prudência, a moderação, a

sabedoria, o amor entre os homens, o desenvolvimento da ciência, tudo aquilo que elevou o padrão de vida do homem, ou seja, tudo aquilo que circundou a humanidade, que o homem ardentemente sonhou durante séculos.

Deve-se, a partir do exposto, enriquecermos nossa cultura, afastando aquilo que impede o seu desenvolvimento, e não a desmontar, para então construirmos algo consistente e benéfico ao progresso do ser humano no campo da arte, da filosofia e da literatura, por exemplo.

3 ESPETÁCULO SOCIAL E A DECADÊNCIA CULTURAL

A ideia de cultura se reduzida a um amálgama de costumes, usos, crenças, instrumentos, em suma, tudo aquilo que um povo faz, crê e abomina, criam um terreno fértil para que tal passe a ser compreendida simplesmente como uma forma agradável de entreter, de passar o tempo. Tal entendimento leva a depreciação da cultura, já que tudo que nela está presente é equiparado, como expõe Llosa (2012, p.30-31), “uma ópera de Verdi, a filosofia de Kant, um show dos Rolling Stones ou uma apresentação do Cirque Du Soleil se equivalem”.

Outro fator que deve ser ressaltado e que contribuiu para a decadência cultural e, conseqüentemente, o surgimento da civilização do espetáculo foi a democratização da cultura, o ideal de levar a cultura para o maior contingente de pessoas possível, pôr-a no alcance de todos.

É uma ideia nobre, de fato. Porém, em vez de gerar pessoas cada vez mais cultas, esse fenômeno conseguiu alcançar justamente o contrário, visto que mediocrizou o ambiente cultural e esfacelou a certo ponto a alta cultura, a fim de que o objeto pudesse chegar a um grande contingente de indivíduos de maneira simplificada, facilitando seu conteúdo sem antes construir uma base para a compreensão da estrutura de conhecimento que compõe a cultura. Primou-se pela quantidade no lugar da qualidade.

Esses pontos geraram a civilização do espetáculo. O que é a civilização do espetáculo? É uma sociedade onde o valor supremo é divertir-se, fugir do tédio. Ela surge no ocidente após os anos da segunda guerra mundial, durante o período de alta prosperidade econômica e abertura moral, antes refreada pela religião. Esse ócio, liberdade e bem-estar controlou o mundo e criou um estímulo para o desenvolvimento da indústria da propaganda e do entretenimento.

A decadência da esfera cultura se reflete em vários outros pontos, como na atual literatura, que é ligeira, que se propõe apenas a divertir o leitor. É algo efêmero são livros para serem lidos apenas uma única vez e que não permanecerão no imaginário do leitor e não necessitam de um labor intelectual considerável para que sejam lidos. Seus autores não os escrevem com o objetivo de desafiar o raciocínio humano, e sim para lucrarem capital, visto que hoje valor é confundido com preço. O capitalista transforma qualquer coisa em um bem para o mercado, não entende o valor intrínseco do objeto, enxerga apenas as cifras, o valor de troca, e não o de uso. O valor não é mais o *axiós*, mas o *thymos*. (Santos, 2010, p.34).

Esse e outros problemas, sobretudo, o sumiço da figura do crítico literário, abriu espaço para que a indústria da publicidade pudesse ocupa-lo. Hoje ela dita a vida cultural e exerce influência sobre a vida de cada sujeito. Nesse sentido, Llosa (2012, p.21) expõe,

O vazio deixado pelo desaparecimento da crítica possibilitou que, insensivelmente, a publicidade o preenchesse e se transformasse atualmente não só em parte constitutiva da vida cultural, como também em seu vetor determinante. A publicidade exerce influência decisiva sobre os gostos, a sensibilidade, a imaginação e os costumes. A função antes desempenhada, nesse âmbito, por sistemas filosóficos, crenças religiosas, ideologias e doutrinas, bem como por aqueles mentores que na França eram conhecidos como os mandarins de uma época, hoje é exercida pelos anônimos “diretores de criação” das agências publicitárias. (LLOSA, 2012, p.21)

Contemporaneamente, as obras literárias e artísticas passaram a ser consideradas meros produtos comerciais, seu valor cultural já não é mais existente, isso se deve devido a confusão imperante hoje entre valor e preço, ambos passaram a ser uma única coisa. Em suma, a civilização do espetáculo pode ser definida como,

a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal”, segundo Llosa (2012, p.19).

Nesse contexto, ela estende seus tentáculos a diversas esferas do meio social, atingindo, não raro, o jornalismo e a manipulação do imaginário popular.

4 O PAPEL DA MÍDIA

Santos (2010) aponta alguns pontos que levam à barbárie, a decadência da atual sociedade. Um desses pontos é a valorização do visual sobre o auditivo, o barbarismo vertical que o autor expõe, processa uma supervalorização do visual, nesse sentido, como já exposto, a imagem tem preponderância nos atuais espetáculos, e a tendência é de que nossa sociedade caminha cada vez mais para a dominação imagética, de forma que as mídias que façam uso da audição, como os livros, percam protagonismo.

As mídias sejam elas físicas ou digitais se apresentam como instâncias de manuseio de discursos sociais, políticos e econômicos arquitetados por grupos que controlam o dito e não dito na sociedade, utilizando-se da linguagem como instrumento de construção ideológica sobre certos acontecimentos sociais. Estas máquinas possuem como foco não apenas o despejo exacerbado de informações, mas a elaboração de uma única cosmovisão sobre a realidade vigente. Nesta lógica, as mídias são comumente utilizadas como centros de produção distorcida da realidade, isto é, um quarto poder, que qualifica as sociedades como laboratório, com o objetivo de averiguarem o grau de incapacidade e insensibilidade crítica da população em relação aos conteúdos publicados. Para uma melhor compreensão Charaudeau (2013, p.17) afirma

[...] o mundo das mídias tem a pretensão de se definir contra o poder e contra a manipulação. Entretanto, as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública - ainda que o sejam para o bem-estar do cidadão; as mídias são criticadas por constituírem um quarto poder; entretanto, o cidadão aparece com frequência como o refém delas, tanto pela maneira como o é representado, quanto pelos efeitos passionais provocados, efeitos que se acham muito distantes de qualquer pretensão à informação. (Charaudeau, 2013, p.17)

Neste sentido, o aparelhamento midiático encontra um ambiente propício para a manipulação da opinião pública, dos comportamentos humanos e das memórias sociais construídas historicamente, uma vez que a base de “mudança social” proposta pela mídia passa pelo crivo do exímio conhecimento do público-alvo. Nesse contexto, o novo estilo e foco midiático na propagação de informações, que, por sua vez, em grande parte, não tem compromisso com o fortalecimento da cultura e do pensamento crítico, mas em compensação

– ao se amoldarem a sociedade pós-moderna- compartilham o espetáculo social. Para uma melhor compreensão, Llosa (2012, p.29) ensina,

[...] jornalismo de nossos dias, acompanhando o preceito cultural imperante, procura entreter e divertir informando; assim, graças a essa sutil deformação de seus objetivos tradicionais, o resultado inevitável é fomentar uma imprensa também light, leve, amena, superficial e divertida que, nos casos extremos, se não tiver à mão informações dessa índole para passar, as fabricará por conta própria. (Llosa, 2012, p.29)

Nessa ótica, tem-se um paradoxo, embora haja uma facilidade comunicacional e uma massiva quantidade de informações, há um estímulo à bestialização do indivíduo, visto que este é condicionado a valorizar o “glamour do espetáculo” em detrimento da formação de uma visão transformadora da sociedade quanto às mazelas sociais. Sabe-se, que no processo de transmissão da informação os aparelhos midiáticos - como instância de produção - devem controlar a maneira de relatar a realidade fática, de modo que o relato seja fiel ao acontecimento real, no entanto devido a influências políticas, sociais e ideológicas, além da necessidade extrema de buscar reconhecimento e legitimação sociais, a mídia tende a realizar distorções naquilo que é relatado. Isso porque, têm-se em vista os interesses externos de quem financia o aparelho midiático – a conquista da audiência por meio do espetáculo.

Neste contexto, as mídias de massas constroem e manipulam a opinião pública, com a finalidade de aglomerar a diversidade dentro do coletivo social de uma maneira totalizante, desconstruindo a pluralidade de discursos na realidade hodierna e própria democracia. Logo, a lógica midiática de difundir uma visão unilateral de fatos sociais não deve se concretizar efetivamente, uma vez que os antagonismos do cotidiano tendem à (re) interpretar os acontecimentos hodiernos e a fortalecerem os debates dentro de um ambiente democrático diversificado.

5 SUPER-EXPOSIÇÃO

Llosa (2012) expressa a clara influência da revolução tecnológica na sociedade contemporânea, isto é, na facilidade de diálogos e de divulgações instantâneas de momentos diários da vida. Esse novo modo comunicacional traz consigo a possibilidade de vínculos

sociais entre indivíduos de diferentes localizações e cotidianos. Nesse sentido, Llosa (2012, p. 80) afirma,

[...] a prodigiosa transformação das comunicações, representada pela internet, autoriza os internautas a saberem de tudo e a divulgarem tudo o que ocorre sob o sol (ou sob a lua), fazendo desaparecer de uma vez por todas a demarcação entre o público e o privado [...]. (Llosa, 2012, p. 80).

Graças a tal revolução, a barreira que antes separava o espaço privado do público se transformou em uma linha tênue. Os indivíduos, atualmente, exibem suas vidas privadas em redes sociais e se regozijam contemplando a de outros. Nesse sentido - levando em conta a contemporânea civilização – é possível afirmar que é gerado uma espécie de mercado, onde o atual homem comum se diverte e escapa do tédio com qualquer forma de entretenimento.

Esse novo mercado transforma as manifestações da vida privada em pequenos fragmentos do que realmente é genuíno e os vende para o espectador. Nesse contexto, as funções e criações mais expressivas do homem desaparecem em virtude dessa degeneração da barreira que antes dividia o público do privado, as criações artísticas, o amor, a amizade, os bons costumes e o pudor desaparecem e são substituídos por cópias fajutas daquilo que realmente são. Essa situação é bem ilustrada com o atual fenômeno dos *digital influencers* - que para alimentarem com informações, em sua maioria supérfluas, efêmeras e irrelevantes para o desenvolvimento do intelecto, vivem, não raramente, uma vida falseada em um espetáculo social contínuo de simplificação e de *bestialização* humanas.

6 O ANTI-INTELECTUALISMO NOS DIAS ATUAIS E A SUA INFLUÊNCIA NO ÂMBITO FORENSE

Antes de nos debruçarmos no assunto deste tópico, há de se fundamentar os conceitos de bárbaro e de invasão vertical. Durante séculos grandes civilizações pereceram devido a tomada de seus territórios pelos bárbaros, dominações que eram alcançadas por meio da ocupação física, violenta ou não, do território almejado. Essa é um modelo de invasão nomeado invasão horizontal, como deixa claro Santos (2010, p.3).

Mas quem são os bárbaros? Aqueles que se encontram alheios a nossa civilização, que estão fora de nossos muros? Aqueles que não falam nossa língua, como assim eram

nomeados pelos gregos? O termo *bárbaro* passou por inúmeras mudanças durante o desenvolvimento histórico do homem. Em um determinado momento da história humana, bárbaro passou a ser compreendido como: aquele que não é civilizado, aquele que é inculto, que possui interesses que vão de encontro a qualquer manifestação de alto valor do gênio humano, de acordo com Santos (2010, p.3).

Há outra forma de dominação que os bárbaros fazem uso, sendo essa a invasão vertical, trata-se da penetração do território civilizado, por meio da cultura, onde se busca, de antemão, danificar os pilares que sustentam determinada civilização e seu ciclo cultural, almejando o seu fim ou a sua corrupção. É um processo lento, que pode demorar séculos. Essa invasão afeta nossa civilização, tanto no âmbito intelectual, quanto no âmbito cultural, o que acaba por descambar em problemas no cenário forense, como a valorização intensa da memória mecânica em detrimento da memória eidética nas faculdades de Direito. Nesse cenário, a desvalorização, o desestímulo à capacidade criadora do homem e o estímulo a repetição nas atuais produções acadêmicas ganham relevância e exaltação.

Nos dias atuais, é possível notar nas universidades, principalmente nos cursos de Direito, um desestímulo em relação à capacidade criadora dos alunos, visto que há um estímulo à repetição, o que vale é a constante reprodução, monótona e fatigante, de assuntos que já passaram por análises exaustivas, hábito que nada acrescenta ao aluno. Não se delega valor satisfatório àqueles que buscam explorar novos horizontes, que possam possivelmente inovar o status quo com suas ideias.

A linha histórica humana está repleta de exemplos onde aqueles que ousaram criar foram desprezados pelos detentores de títulos acadêmicos. A Universidade de Paris é um exemplo de situações de tal espécie, os estudantes da casa impediam que Einstein realizasse conferências, bem como aqueles forjavam congregações objetivando impedir que Freud disseminasse pela universidade os seus pensamentos.

Além das peripécias que ocorreram na Faculdade de Paris, deve se trazer à tona uma situação ocorrida durante o medievo. Em determinado período, nessa mesma Faculdade as aulas ministradas por professores dominicanos foram proibidas por partes de docentes seculares que esbanjavam seus títulos acadêmicos e que de nada acrescentavam à vida intelectual do recinto. Essa proibição foi posta por pura *hybris* de tais professores que levavam vidas semelhantes à de Charles Bovary em sua juventude, ou seja, boêmia (Flaubert, 2011).

Uma cultura possui em seu seio a capacidade criadora, ela se alça a novos patamares, sai de estágios mais baixos a estágios mais altos. Só há altas culturas onde há criação constante e a criação exige inovações reais não as falsas inovações que são o repetir de formas já superadas (Santos, 2012). Permanecer no eterno processo de quiromania acima citado não trará bons frutos, apenas abrirá espaço para a manifestação da barbárie, e, conjuntamente, do espetáculo, alcançando, então o objetivo de dominação almejado pelo bárbaro, bestializando todos aqueles que estiverem em sua frente.

O bárbaro enxerga a criação, assim como um cátaro a visualiza, como um pecado, como uma maldição, e busca com todas as suas forças extirpa-la de vez, fomentando a estagnação, impedindo que a cultura possa chegar a patamares mais elevados. À vista disso, Santos (2010, p.59) assevera que,

Entre os bárbaros, os inovadores são olhados como criminosos, são castigados e expulsos até da tribo. Quem proponha um pensamento novo, estranho ao aceito pela tribo, através das gerações, é um perigoso inovador, um perturbador, um corruptor, porque a coerência da tribo está ameaçada. Mas a cultura é uma conquista constante de estágios cada vez mais altos. O que está desejava é erguer o homem aos degraus mais elevados e não o fazer estacionar em patamares. (Santos, 2010, p.59)

O tipo de situação explicitada acima não é apenas um evento esporádico, mas sim extremamente comum nos dias atuais. Exemplificado na liderança de sua realização até mesmo por alunos de certos cursos que empreendem uma verdadeira censura àqueles que ousam inovar, tendo como lema a defesa das liberdades, principalmente da liberdade de expressão e da democracia. Para alcançar seus objetivos, tais sujeitos calam aqueles que buscam pensar além do senso comum, tudo isso em nome de seu virtuoso ideal.

Nesse sentido, cabe trazer à baila, um dos danos causados pela constante repetição de conteúdo na produção acadêmica, sendo esse a valorização da memória mecânica em detrimento da memória eidética, a memória das ideias. Hoje, é considerado inteligente não aquele que consegue aprender de maneira robusta e aprofundada o conhecimento, mas sim aquele que decorou datas, que sabe o ano que determinado filósofo nasceu, que decorou algumas máximas de algum estudioso.

Em tempos hodiernos, é muito comum encontrarmos alunos que tenham decorado determinadas informações, mas que não as consigam explicar. Adler (2010, p.186) assevera tal situação,

Nada atua, exceto o que é real. Já ouvimos muitos alunos repetirem essa frase com um ar de autossatisfação intelectual. Eles pensavam estar se desobrigando de seu dever perante nós e o autor só por repetirem verbalmente essa frase. Mas a vergonha vinha à tona assim que lhes pedíamos para expressar a proposição com outras palavras. Raramente diziam, por exemplo, que algo que não existe não pode fazer nada. Mas essa seria uma tradução imediata e evidente - evidente, pelo menos, para quem entendeu a proposição em seu sentido original. (Adler, 2010, p.186)

O que temos hoje, muitas das vezes, nas universidades são sujeitos em que o vício do verbalismo transborda, mas o que é o vício do verbalismo? Pode ser definido como o mau hábito de usar palavras desprezando o pensamento que deveriam transmitir e sem consciência das experiências às quais deveriam se referir. “É brincar com palavras”, sob a ótica de Adler (2010, p.186). Um dos produtos gerados pelo problema citado é a constante produção de cadernos “milagrosos”, manuais de Direito, livro de petições prontas, no âmbito forense, onde neles pode-se encontrar todo o conteúdo de uma determinada disciplina, mastigado, em formato de proposições, que sozinhas, como são postas em tais cadernos, não fazem o menor sentido, levando o estudante a decora-las para então reproduzi-las. Isso colabora para que o sujeito passe a dar maior valor para a sua memória mecânica em detrimento de sua memória eidética.

À vista dessas questões, as academias forenses têm forjado profissionais e intelectuais que decoram conceitos. Todavia, quando esses indivíduos – que tiveram parte de seu potencial transformador colocado subalternizado – não possuem uma *performance* adequada perante às particularidades e mudanças do cotidiano. Portanto, vê-se a valorização extremada do mundo-do-dever-ser (conceitos, dogmática jurídica, leis) em detrimento do mundo-do-ser (o cotidiano social e suas metamorfoses).

Uma das formas que se encontrou para manter tal situação precária de pé, foi a ridicularização do inteligente, perpetuada pela indústria do espetáculo. Criou-se uma imagem baseada em estereótipos de aspectos negativos. O indivíduo inteligente é sempre representado pelo sujeito de porte físico desfavorecido, dentes avantajados e que quando fala faz ecoar uma voz fanha que reflete a sua fraqueza física. Essa imagem é disseminada na juventude desde cedo. Tal projeto de estereótipo de indivíduo inteligente é um dos objetivos da sociedade

espetáculo, visto que ela ao alinhar a intelectualidade ao ser humano acima descrito, não raro, causa repulsa à busca por conhecimento em outros cidadãos, tendo em vista que estes não querem ser ridicularizados em virtude da aparência citada, contrariando o ideário e o *status quo* dessa teatralização da vida.

7 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO ESPETÁCULO SOCIAL

A memória é um constructo de histórias e emoções sociais, trazendo consigo a possibilidade rememoração de tempos passados e de análises historiográficas sobre tais períodos. De acordo com Jacques Le Goff (1992, p. 476),

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades” (apud CRUZ e FIDALGO, 2019, p.13).

Nessa lógica, não há na sociedade tão somente memórias individuais, mas, sobretudo uma memória coletiva que é elaborada diretamente ou indiretamente pelos indivíduos. Sendo assim, a memória é a expressão de fatos sociais e de lembranças, isto é, ela é um reduto da dignidade humana – um espaço dinâmico onde o ser social se manifesta diariamente a partir de suas metamorfoses culturais, políticas e econômicas.

Sabe-se, que a sociedade contemporânea é marcada pela modernização e, por conseguinte, pela presença e influência expressivas dos aparelhos midiáticos e de suas capacidades relevantes de manipulação e construção do dito e do não dito. À vista disso, estabelece-se – mediante condicionamento de grupos sociais dominantes – os arcabouços do conhecimento histórico e mnemônico que são compartilhados cotidianamente, de modo a fortalecer interesses predeterminados. Nessa lógica, ocorre, não raro, o forjamento de narrativas que não condizem verdadeiramente com as vicissitudes de determinado fato social, mas compartilhado, em grande de parte, de maneira distorcida, com o fito de implantar uma visão unilateral de acontecimentos, esfacelando a pluralidade de discursos e óticas na *práxis*.

Nesse contexto, paulatinamente é construída uma memória coletiva, uma vez que essa ao ser repassada constantemente, ainda que falseada, é internalizada na sociedade. Tal

situação, sobretudo facilitada pela *bestialização* realizada propositalmente pelo espetáculo social, por meio da falência do pensamento crítico, da decadência do intelectualismo e de simplificações deletérias da vida cotidiana. Nesse contexto, forjam-se cidadãos que sob uma cegueira política, social e cultural não conseguem filtrar o lógico e o ilógico, *fake news* e notícias confiáveis, visto que o ato de pensar se torna um fardo ante ao imediatismo e as facilidades da vida hodierna.

Ao se debruçar sobre essas questões, cabe trazer à baila TRAVERSO (2007, p.48) e sua discussão sobre a utilização da memória para fins políticos, bem como a visibilidade de fatos mnemônicos sob a égide de uma força institucional que os sustenta, podendo-se dizer em *memórias fortes* e *memórias fracas*. As memórias fortes são oficialmente alimentadas por instituições como Estados e por grupos dominantes na sociedade, de maneira a subalternizar certas narrativas não adequadas para o projeto político daqueles centros de poder econômico, social e cultural. Para tanto, torna-se facilmente visível e extremamente simplória a compreensão e a internalização de apenas uma narrativa dos fatos hodiernos, objetivando construir e legitimar pelos, próprios alienados, uma óptica autoritária, isto é, unilateral da realidade.

Ademais, no que diz respeito às *memórias fracas*, essas são oficialmente desvalorizadas, subalternizadas ou suprimidas na sociedade pelos mesmos grupos dominantes ou pelo mesmo Estado que difundiu memórias fortes. Nesse busílis, dissemina-se que aquelas memórias debilitadas não convêm ou não são adequadas a um determinado projeto político, uma vez que são abominações ou deletérias, ou seja, não colaboram para a coesão e robustez da sociedade.

Diante dessas questões, a mídia de massas se apresenta com auxiliadora na propagação de memórias selecionadas por grupos que controlam as informações que circulam na sociedade. Sendo assim, com a decadência do pensamento crítico e com a valorização do imediatismo contemporâneo – que condiciona ao desprazer quanto a uma análise aprofundada da sociedade, objetivando averiguar a veracidades de certas informações – as memórias implantadas são (re) transmitidas constantemente ainda que completamente absurdas, ambíguas, distorcidas, ou seja, sem qualquer fundamentação lógico-racional satisfatória.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi explícito, percebe-se que vivemos em tempos sombrios e de grande decadência cultural e social, visto que a degeneração do objeto cultura traz consigo outros problemas gerados de forma artificial e propagados de maneira orgânica, visto que toma proveito da tendência que a espécie humana possui de ir atrás do entretenimento, com o fito de deixar o seu estado de tédio. Nesse sentido, levando em conta a ausência de criticidade gerada pela decadência da cultura e os avanços tecnológicos e midiáticos, pode-se dizer, de que assistimos, atualmente, o esfacelamento da sociedade em virtude da construção de sujeitos amansados, manipulados, e barbarizados, incapazes de distinguir narrativas falsas daquelas que são verdadeiras, e que viverão em função de trabalhar para atender os interesses daqueles que detém o poder e o controle da memória coletiva. Sendo assim, o Direito é constantemente alvo desse fenômeno, uma vez que a necessidade no âmbito forense de profissionais que saibam utilizar conhecimentos jurídicos de maneira inovadora e adequada às diferentes metamorfoses sociais, rompendo a barreira do senso comum, não é atendida, tendo em vista a multiplicação de juristas reféns das velhas formas postas de aprender, de ensinar e de aplicar a teoria na realidade, ou seja, baseadas na mecanização da vida.

REFERÊNCIAS

ADLER, Mortimer J; DOREN, Charles Van. Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente. Trad. Edward H. Wolff e Pedro Sette-Câmara. 4.ed. São Paulo: Editora É Realizações, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

DEBORD, Guy. Sociedade do Espetáculo. Rio De Janeiro: Contraponto, 2000.

FIDALGO, Larissa Moreira; CRUZ, Thiago dos Santos Braz. DIREITO E LITERATURA: ENTRE A MEMÓRIA MANIPULADA E O DIREITO AO ESQUECIMENTO. Anais do CIDIL, p. 10-25, 2019.

LLOSA, Mario Vargas. *A Civilização Do Espetáculo*. Rio De Janeiro: Objetiva, 2013.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *A invasão vertical dos bárbaros*. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZWtrbGVzaWFuYXNjZW50ZWRIY3Jpc3RvLmNvbS5icnxla2tsZXNpYS1uYXNjZW50ZS1kZS1jcmlzdG98Z3g6NTVhNGFjOTgxZmY3OTVh>>. Acesso em: 15. Jan. 2020

OLIVEIRA, Alexandre Moreira. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Antivalor, 2007. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm#topp>>. Acesso em: 15 jan. 2020.